

**A influência das redes sociais nas (re)significações do amor
e dos relacionamentos: uma breve análise
de uma tira e uma charge e aplicações para o ensino**

*The influence of social networks in the (re) meanings of love
and relationships: a brief analysis
of a strip and a charge and applications for teaching*

Franciele Alves PEREIRA¹
Aline Luane FANTINEL²

Resumo

Este estudo tem por objetivo apresentar uma análise de duas materialidades discursivas, uma tira e uma charge, que trazem como tema uma discussão sobre o amor. Para o estudo, faz-se uso da Análise de Discurso de orientação francesa. Objetiva-se mostrar como as relações amorosas entre os sujeitos são (re)apresentadas e (re)definidas quando consideradas suas condições de produção, isto é, o momento (e movimento) sócio-histórico e ideológicos de sua constituição. Segundo Mussalim (2005), os sentidos são historicamente construídos e demarcados de acordo com as formações discursivas em que foram gerados. Por meio das análises, esboçar-se-á uma possibilidade discursiva de apresentação desses objetos para a prática de leitura, interpretação e compreensão em sala de aula e, assim, levar o aluno a perceber o não-dito e os efeitos de sentido gerados pelos discursos em estudo.

Palavras-chave: Redes sociais. Relacionamento. Efeitos de sentido.

Abstract

The goal of this study is to present an analysis of two discursive materialities, a strip and a charge, which theme is a discussion about love. The french Discourse Analysis orientates this study. So, it tries show how romantic relationships among individuals are (re) presented and (re) defined when considering their production conditions, in other words, the time (and motion) socio-historical and ideological of their constitution. According Mussalim (2005), the senses are historically constructed and marked in accordance with the discursive formation. Through the analysis, a discursive possibility for presentation of these objects to the practice of reading, interpreting and

¹ Mestranda da Pós-Graduação em Letras com área de concentração em Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Professora da rede estadual de ensino.

E-mail: fran_apereira10@hotmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

E-mail: aline_luanne@hotmail.com

understanding in the classroom will be making. In this way, the goal is the student to understand the unspoken and the sense effects generated by discourses in the study.

Key Words: Social networking. Relationship. Meaning effects.

Introdução

Este estudo está ancorado teórica e metodologicamente na Análise de Discurso Francesa, teoria que não leva em consideração a “intenção” dos falantes, mas sim, a sua condição ideológica “que predetermina o que [o que os sujeitos] poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais” (MUSSALIM, 2005, p. 113), entendendo-se, assim, o discurso em toda sua complexidade, isto é, “concebendo-o como um objeto linguístico e cultural” (idem, p. 114), o que permite compreender um texto/discurso além das (entre)linhas.

Considerando que refletir o discurso é retomar as condições sócio-históricas e ideológicas em que ele se inscreve e, assim, os sentidos que produz, a análise que seguirá parte dessa perspectiva, uma vez que objetiva discutir como se constituem os discursos dos sujeitos sobre relacionamento afetivo, em diferentes épocas, a fim de verificar as construções discursivas que marcam os efeitos de sentido nas falas das personagens do sexo masculino e feminino. Ressalta-se a relevância na realização de estudos que consideram a língua como materialidade discursiva, o que permite percorrer caminhos que possibilitam ultrapassar a análise tradicional da língua como “instrumento do qual os falantes utilizam para certos fins (comunicacionais, por exemplo), sujeita inclusive, a adaptações estilísticas individuais” (POSSENTI, 2005, p. 361). Procederemos ao trabalho, então, considerando a língua “como a materialidade discursiva, [reitera-se], no aspecto material do discurso.” (idem, p. 362).

A questão que direciona as discussões procura responder como o discurso engendrado pelas personagens revela uma maneira de cultivar o relacionamento a partir das condições de produção e das formações discursivas a que estão atreladas. A partir daí, levantam-se indagações, tais como: quais as imagens atribuídas às personagens sobre que seja considerado um relacionamento sério? Até que ponto as representações sobre o relacionamento mudaram no decorrer dos tempos, considerando os aspectos sócio-históricos de sua constituição? Como e quais práticas discursivas possibilitam

dizeres sobre o relacionamento afetivo entre os casais e de que forma elas revelam estereótipos sociais? Por fim, deseja-se pensar um modo de levar os alunos, no trabalho de compreensão e interpretação, a extrapolar as linearidades linguísticas para refletir os discursos como reveladores de formas de agir e pensar a partir da sociedade em que estão inseridos.

Quanto ao *corpus* selecionado para a análise, ele é composto por uma tirinha e uma charge, as quais são apresentadas na sequência, seguidas pela sua análise.

As provas de amor em diferentes épocas

Fig. 01 – As provas de amor



Fonte: <http://maubril.blogspot.com/2011/01/relationship-2.html>

Os discursos são tomados como “efeito de sentido entre os interlocutores” (ORLANDI, 2007, p. 21); no caso do texto 1, ter-se-ia um exemplo do sentido do que seria uma prova de amor para aquele casal. É por meio do complexo das formações discursivas em jogo que se constitui a definição para o casal sobre “prova de amor”, instituindo-se assim, seus lugares sociais dos sujeitos envolvidos na relação. Portanto, consideram-se os papéis sociais de homem e mulher como uma construção discursiva, produzida através de práticas discursivas. No texto 1, como pode ser verificado, as materialidades discursivas revelam as formas de percepção que os sujeitos amantes constroem das suas relações a partir do que consideram ser uma declaração de amor. Pode-se perceber, com base na tirinha, que os sentidos têm origem em determinadas regras que regem a sociedade, bem como valores e normas construídas por essa instância e seus modos de pensar.

No enunciado que se refere à Idade Média: “Prova que me ama! Mate um dragão, 4 ursos e uma baleia!”, pode-se assinalar uma posição de sujeito que considera “prova de amor” como sinônimo de coragem, valentia e bravura. Eis, aqui, uma delimitação dos papéis feminino e masculino, em que a mulher é considerada a donzela à espera do jovem cavalheiro, que deverá mostrar a sua bravura e coragem ao matar animais como prova de amor. Considerando a bravura como sinônimo de coragem, é possível perceber que, ao se apresentar para a donzela, o cavalheiro traz consigo uma espada: arma usada em combates. Tem-se assim, papéis delineados no que se refere às características que o homem deve possuir (ou demonstrar) para conquistar uma mulher: ou seja, força e coragem são os atributos masculinos desejados. Destaca-se a ingenuidade feminina revelada pelo vestido longo e o laço na cabeça. Deve-se considerar que para o autor da tira tê-la apresentado do modo que o fez denuncia um estereótipo de força *vs.* delicadeza que permeiam o imaginário social. Entende-se que o enunciado dos sujeitos são regras que delimitam os homens em tempo e espaço culturalmente definidos.

No quadro seguinte, exibe-se a década de 30, em que amar se trataria de pedir a mão da amada em casamento ao pai da moça. Tal atitude indica um modelo de sociedade pautada no casamento como união prioritária. Seria através do pedido de casamento que o homem mostra à mulher que realmente a ama, consumando, assim, uma relação considerada definitiva. A prova de amor, aqui, é sinônima do abandono da vida de solteiro em prol da união matrimonial. Ou seja, na década de 30, isso significaria abdicar-se das “aventuras” que um homem solteiro poderia desfrutar em troca do amor de *uma* mulher. Revela-se aí uma sociedade em que se dá mais valor ao romantismo do que à bravura, visto que no lugar de uma espada, o sujeito masculino traz consigo uma flor para oferecer à mulher. Nas discursivizações instalam-se sentidos para o que significa “amar”, organizando-se papéis que são destinados aos homens e mulheres em contextos sócio-históricos e ideológico específicos.

Voltando à tirinha, é possível perceber que as condições nas quais se realizou o enunciado entre ambos os sujeitos masculino e feminino, de acordo com a marcação temporal dada pelo autor, faz do discurso emergir diferenças entre as épocas, mostrando que as posições que ocupam os discursos destes sujeitos são “construídas em sociedades

em que as funções se circunscrevem a certas regras e às quais se chega através de um conjunto de procedimentos.” (POSSENTI, 2005, p. 368).

O fato de cada época presenciar diferentes efeitos de sentido no pedido que a mulher faz ao homem como prova de amor, deixa claro que, tanto os sujeitos quanto os sentidos, são históricos. “O contexto histórico social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos”. (MUSSALIM, 2005, p. 123). Olhar para os quadros 1 e 2 não apenas revelam uma “brincadeira” do autor, mas elas denunciam uma reavaliação (será?) de como se pensa, hoje, as relações afetivas.

Os sentidos possíveis de um discurso, portanto, são “sentidos demarcados, preestabelecidos pela própria identidade de cada uma das formações discursivas colocadas em relação no espaço interdiscursivo.” (MUSSALIM, 2005, p. 132). O sentido vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso. É ele “um efeito da enunciação, ou seja, da ocorrência de matéria verbal em condições de produção definidas.” (POSSENTI, 1990, p. 11).

No enunciado final, “Prova que me ama! coloca ‘namorando’ no Orkut! AGORA!”, percebe-se como essa prática discursiva é reencarada nos dias atuais. Nessa passagem, assinala-se uma posição de sujeito feminino que não pede, mas sim, exige, mostrando bem como se dão as definições dos papéis numa sociedade onde as conquistas femininas são sempre avaliadas: a mulher, no caso, ocupa o papel de comando e o homem, visto a expressão do sujeito masculino na tira, o de obedecer. O discurso como representativo dos dias atuais, “Era da expansão das redes sociais na internet”, mostra que uma prova de amor tem importância somente na a partir da sua exposição numa rede social de modo a explicitar ao “mundo” a união do casal e, assim, ter-se validado o relacionamento. Vale lembrar que, por se tratar de um texto do ano de 2011, a tirinha faz referência ao *Orkut* que atualmente foi substituído pelo *Facebook*, uma rede social criada mais recentemente, mas que conserva os mesmos fins que o antigo *Orkut*.

Assumir um compromisso (no caso, o namoro) para a rede social de amigos a que o sujeito pertence é a prova de amor exigida pela mulher. Vê-se, aqui, que o homem não se incube de utilizar nenhum material ou objeto como forma de expressar seu

sentimento: o que está em jogo são outros valores: a aceitação do relacionamento e sua exposição para a sociedade. Hoje, principalmente os adolescentes, sentem grande necessidade de se expor perante os outros, de mostrar a sua vida e os acontecimentos que permeiam seu dia-a-dia; eles querem ser notados e no seu grupo de amizades, tornando o discurso do último quadrinho uma representação de valores sociais da contemporaneidade.

Nesse sentido, afirma-se que ocorre mudança na discursividade em relação ao que é uma declaração de amor e as formulações presentes na tirinha em questão assinalam, então, as diferentes posições dos sujeitos homens e mulheres. Trata-se de práticas discursivas constituídas a partir de representações que se entrelaçam, estabelecendo distintas possibilidades de dizer e de agir, tanto da figura feminina quanto masculina, dentro de um relacionamento. Entende-se, contudo, que, mais uma vez, o autor brinca e denuncia uma forma de agir “esvaziada” pautada em condições sociais e históricas. À medida que as atitudes evoluem, o autor apaga o valor que a anterior exhibe. Por exemplo, ao mostrar o homem com “ar” romântico na década de 30, ele vai de encontro ao valor bárbaro/valente (da Idade Média) tido como ultrapassado. De acordo com Orlandi (2007) todo dizer possui uma relação com o não dizer. O que não está dito fica, de certa forma, silenciado. Este silenciamento “pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido”. (ORLANDI, 2007, p. 83). Não é, pois, uma questão de “o autor disse isso”, nem de o texto “quer dizer aquilo”. Todo e qualquer dizer incorpora o não-dito, revelando, assim, a existência de inúmeras maneiras de significar. Portanto, a formulação correta seria refletir como o texto “significa”.

Possenti (2005) afirma que o sentido se determina de forma simultânea às posições ideológicas que são presenciadas na relação entre as formações discursivas do interdiscurso. Logo, o efeito de sentido característico de cada época representada na tirinha é resultado das posições ideológicas que ocupam os sujeitos pertencentes ao discurso, pois “o que confere ou garante sentido ao que um enunciador diz [...] são as posições ideológicas a que está submetido e as relações entre o que diz e o que já foi dito da mesma posição.” (POSSENTI, 2005, p. 368)

O (efeito de) sentido do casamento nos dias atuais

Fig. 02 – O casamento nos dias atuais



Fonte: <http://maubril.blogspot.com/2011/01/relationship-2.html>

Na charge acima, tem-se a imagem de um casal tido como “moderno”, em uma conversa por meio do computador, à noite, na cama. De acordo com os *nicks* (apelidos) dos personagens, é possível dizer que ambos sujeitos estão dialogando em uma rede social que se manifestou, poucos anos atrás, na área da *cybernetica* com muita intensidade: o *Twitter*. No enunciado proferido pelo sujeito feminino é possível depreender que, depois de muitas conquistas para garantir seu lugar na sociedade, alcançar sua autonomia, o sonho de realização da mulher ainda continua sendo o casamento, seja ele no civil ou religioso. No entanto, ao ser questionado pela sua proposta de casamento, o sujeito masculino a repreende, sugerindo somente uma mudança no *status* do *Orkut* e *Facebook* (redes sociais de relacionamento). A materialidade linguística ao dizer “é só mudar o *status*”, expõe diretamente os efeitos de sentido que o relacionamento matrimonial causa nos casais: a possibilidade de constituir família e ser feliz sem a necessidade de uma real efetivação matrimonial.

Fortemente marcados pelo período de estouro das redes sociais, cada um possui seu próprio computador, mesmo estando juntos, na mesma cama. Na casa, é como se estivessem separados, mas unidos pelos laços da *internet*. No entanto, a materialidade verbal “casar?!!! Civil e religioso? jura?” aciona uma memória discursiva em torno da representatividade do casamento como união abençoada por Deus e firmada pela lei perante testemunhas da sociedade. Essa memória discursiva está representada nos resquícios da visão que a mulher ainda traz sobre o matrimônio. Há algum tempo, o

casamento era considerado componente integrante e essencial na vida de um casal. Atualmente, o efeito de sentido da visão matrimonial é outra. Casais moram sob o mesmo teto sem necessidade de casamento, vivenciam, trocam experiências, geram filhos, mas não entendem isso como necessidade de uma união legal, tampouco, de uma “benção” religiosa. Entretanto, quando o homem propõe se casar com a mulher, percebe-se certa exaltação. Ou seja, a euforia e o sonho de unir-se matrimonialmente ainda são presenciados no discurso feminino, tanto quanto antigamente. Se a sociedade não via com “bons olhos” uma mulher que não fosse casada, parece que isso se repete silenciosamente. Portanto, a memória discursiva que diz respeito ao desejo da união matrimonial aparece ativada no discurso do sujeito feminino, como se coubesse “logicamente”, a ela o papel de ratificação dos valores do matrimônio.

Podem-se assinalar, aqui, matrizes que buscam a memória discursiva em uma imagem estereotipada da mulher, mostrando que apesar dos avanços na área da tecnologia e a validade dada a um relacionamento em rede social, é, ainda, a única que tem o desejo de constituir família e se casar. Na verdade, estas representações sociais são reatualizações de imagens que permanecem no interdiscurso e tendem a aparecer vez ou outra e traduzir as relações sociais toda vez que a memória discursiva é ativada.

Assim, na formulação da charge, pode-se assinalar uma posição de sujeito que indica um saber de acordo com o qual, em última instância, a vontade de se casar é uma atitude esperada da mulher e não do homem. Pode-se vislumbrar o funcionamento dos discursos e das práticas que o constituem. O sentido das palavras em um discurso “remete sempre a ocorrências anteriores”. Para Possenti (2005),

qualquer enunciação supõe uma posição, e é a partir dessa posição que os enunciados (palavras) recebem seu sentido. Melhor ainda: qualquer uma dessas posições implica uma memória discursiva, de modo que as formulações não nascem de um sujeito que apenas segue as regras de uma língua, mas vale dizer que as formulações estão sempre relacionadas a outras formulações, sendo que a relação metafórica que funciona como matriz do sentido é historicamente dada. (POSSENTI, 2005, p. 373).

Isso vem confirmar a teoria de que tanto o sujeito quanto o sentido são históricos, e não raras vezes, simbólicos. “Que os indivíduos humanos, ou seja, sociais, são ativos na história — como agentes das diferentes práticas sociais do processo histórico de produção e de reprodução — é um fato [...] os homens concretos são

necessariamente sujeitos *na* história enquanto sujeitos.” (ALTHUSSER, apud POSSENTI, 2005, p. 387).

Sobre o conceito de formação discursiva (FD), [ele] “é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia.” (MUSSALIM, 2005, p. 125). Conforme afirma a autora, o lugar onde se encontram discurso e ideologia designa uma formação discursiva, portanto, uma FD sempre colocará em jogo mais de um discurso. No caso do discurso 2, tem-se as personagens interligadas por uma relação de papéis contraditórios, o “discurso masculino” *vrs.* “o discurso feminino”. São as formações ideológicas que permitem tais sujeitos falarem da forma que falam nas posições que ocupam. “O lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno.” (ORLANDI, 2007, p. 39). Ou seja, a fala da namorada, em determinada formação ideológica, em um dado contexto, significa de modo diferente do que se falasse no lugar do namorado, ou até mesmo, do seu lugar de namorada, mas em outra época, com outras condições de produção.

Deve-se entender que são as imagens dos sujeitos dos discursos e dos acontecimentos que determinam a forma como um processo discursivo constitui sentido, o que remete ao denominado formações imaginárias. Assim, não são os sujeitos físicos ou a forma como estão inscritos na sociedade que funcionam no discurso, mas, sim as suas imagens que resultam de projeções. A partir dessas formações imaginárias é possível determinar como esses sujeitos se representam e se assumem em relação às condições de produção dos discursos.

Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. (ORLANDI, 2007, p. 40).

Essas imagens são estampadas, no primeiro objeto, nos papéis de quem conquista e de quem está sendo conquistado; e construídas de acordo com as posições sócio-históricas de cada momento/época. Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições, e, são essas posições características da formação

discursiva que permite compreender o processo de produção dos sentidos e a sua relação com a ideologia.

Tem-se, portanto, que em determinadas condições ideológico-culturais, o relacionamento e seus efeitos de sentido são marcados ideologicamente, visto que os sujeitos se estabelecem a partir desse perfil pré-discursivamente definido. Ou seja, há todo um processo ideológico-cultural que determina os sistemas de representações organizados em normas e padrões de acordo com o momento histórico. Ao tentar delimitar os papéis e efeitos de sentido dos sujeitos masculino e feminino dentro de um relacionamento, constata-se que os discursos remontam à memória na reconstrução dos efeitos de sentido presentes nas discursivizações analisadas. Assim, foi feito um movimento de retorno ao passado, buscando estabelecer relações entre as materialidades discursivas e a época a que pertencem cada uma delas. Afirma-se, assim, que determinar e entender em que contexto histórico os discursos são formulados é de real importância para compreender a maneira como os efeitos de sentido são estabelecidos.

Uma proposta para trabalho em sala de aula

A linguagem, sabemos, passou por variados níveis de conceituação desde o surgimento de seu estudo. No entanto, como lembra Claudia Riolfi (2008), com o avanço da Linguística, que balanceou as noções de *certo* e *errado*, a “concepção de Língua Portuguesa que ensina a falar corretamente desapareceu, sem que, no entanto, outra concepção tenha sido construída”. (op. cit. p. 28).

Com a Análise do Discurso, que reconhece a necessidade de se partir de uma materialidade discursiva para, então, se chegar à interpretação, o trabalho com a Língua Portuguesa toma campo na teorização do sentido, nas diversas vozes sociais e no discurso. Assim, “o estudo dos diversos modos de funcionamento da nossa língua para a produção de efeitos de sentido deve consistir no objeto da aula de Língua Portuguesa”. (op. cit. p. 29)

Nesse sentido, a proposta de desenvolvimento de um trabalho com o *corpus* selecionado parte da necessidade do trabalho com as materialidades discursivas. Com o material selecionado é possível formular diversas atividades interpretativas que levem o aluno a desenvolver e perceber que a linguagem não é transparente e que por trás do que

já está mostrado no texto há outros discursos, que causam efeito de sentido, diferente do efeito que causaria em outro lugar e época: trata-se do reconhecimento dos implícitos, o jogo com o *dito* e o *não-dito*.

Para tanto, o estudo com o primeiro texto deve levar o aluno a perceber que “prova de amor” não tem seu sentido cristalizado e estabelecido. O sentido do enunciado é de movimento, causa efeitos tão diferenciados quanto seu público leitor. Cabe ao professor esclarecer, através de atividades interpretativas, que fatores são esses. Questões tais como “O que é uma prova de amor na Idade Média/nos anos 60/ nos dias atuais?” permite ao aluno reconhecer o que o texto apresenta explicitamente, mas não permite outras reflexões.

Uma abordagem discursiva permitiria acrescentar elementos importantes para o amadurecimento crítico do aluno, como, por exemplo, questões que o levassem a pensar sobre as alterações sofridas ao longo dos tempos no que se refere ao sentido que carrega o termo “prova de amor”. Ou, “qual a atitude, qualidade masculina esperada pela mulher nos diferentes momentos?” Tais reflexões levantariam questionamentos acerca do papel feminino no relacionamento: por que a exigência pela bravura masculina é uma atitude esperada pela mulher da Idade Média e não pela mulher do século XXI? De que forma a sociedade, o momento histórico influenciam essas escolhas?

Questionamentos como estes levam o aluno a desenvolver a capacidade do “olhar” o movimento da palavra na sociedade e história, como descrito por Riolfi (2008): “circunscrever um objeto no tempo e no espaço” diferentemente do “enxergar”, onde o aluno somente apreende “os contornos imagéticos” do texto (op. cit. p. 49).

Ainda no que tange aos efeitos de sentido, e para aprofundar o trabalho buscando outras fontes, pode-se mostrar aos alunos que o movimento do sentido se modifica não somente de acordo com a condição histórica (como representado na tirinha); o que permite esses *efeitos* é a condição ideológica de tal sociedade. Vale lembrar que para algumas tribos indígenas, por exemplo, o sentido da “prova de amor” consiste em atos de bravura ligados à figura masculina, onde o homem, como forma de mostrar seu amor à mulher, deve subir em uma árvore de aproximadamente 40 metros de altura, retirar uma colmeia infestada de abelhas do topo e descer oferecendo à sua amada. Cada cultura organiza seus modos de representar os (efeitos) de sentido.

Cabe ao professor se questionar sobre os discursos que trás para a sala de aula e pensar “de que maneira um texto como esse pode contribuir para o ensino da leitura? [...] Assim, aproveitando os textos que permeiam o cotidiano, podemos elaborar atividades em que o aluno identifique o percurso da escrita, relacionando-o com os efeitos de sentido decorrentes” (RIOLFI, 2008, p. 64).

O professor deve buscar compreender a percepção das formas de *dizer* e *não-dizer* no texto. “Se as novas maneiras de ler, inauguradas pelo dispositivo teórico da análise de discurso, nos indicam que o dizer tem relação com o não-dizer, isto deve ser acolhido metodologicamente e praticado na análise”. (ORLANDI, 2007, p. 83)

Mais adiante, Orlandi (2007) declara que “na análise de discurso, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário”. (op. cit. p. 82)

Partindo dessa ideia, no texto 2, o encaminhamento pedagógico deve dar conta de identificar o efeito de sentido, bem como a relação entre o *dito* e *não-dito* presente nos discursos:

a) problematizações do papel feminino: para alcançar tal objetivo as indagações devem partir da materialidade discursiva “*casar?!!! civil e religioso? jura? não acredito*”. A qual faz referência a uma maneira de ver o casamento: *Qual a visão feminina no que se refere à união matrimonial?* A pergunta, em um trabalho pedagógico, deve vir esmiuçada em pequenas “pistas” que levem o aluno a refletir porque o enunciante *diz isso e não aquilo*. Um caminho interessante que trabalha como se desenvolve a memória discursiva seria levantar questionamentos, tais como: Qual sentimento é perceptível na fala e expressões faciais da mulher ao se referir ao casamento? Se nos reportarmos a alguns anos atrás, como por exemplo, a década de 30, qual seria a atitude desta mesma personagem feminina? E se o mesmo discurso pertencesse ao século XIX, seria esperada ou anormal tal atitude? Há algum tempo atrás, à mulher, diferentemente do homem, cabia algumas tarefas voltadas ao lar. Por que motivo tais tarefas eram destinadas à figura feminina? E hoje, o que mudou? Pode-se dizer que, atualmente, a jovem é preparada pela mãe somente para o casamento? E por que motivo, então, o autor delega à espera do casamento para a figura feminina?

b) problematizações do papel masculino: aqui temos um discurso que também incorpora uma memória discursiva e ao mesmo tempo *silencia* um outro discurso. “*Nem! só mudar o status no orkut e facebook*” é uma materialidade linguística que possibilita fazer questionamentos imbricados aos anteriores, os quais levam a perceber que o sentido do discurso masculino também é compreendido a partir de determinações históricas que constituem o contexto. Entretanto, o discurso masculino é o que silencia os discursos de outros extratos sociais. Como, por exemplo, o discurso religioso. Para a Igreja, uma união não é abençoada por Deus se não for consumada religiosamente. Ou, ainda, para àqueles que encaram o casamento civil como o válido que confirma a união do casal. Para a sociedade no geral (considerando todas as suas instâncias), a união “informal” entre casais é aceita atualmente, então, por que instituições religiosas e civis veem a necessidade da união matrimonial? Seriam questões instigantes, a princípio, para refletir os discursos silenciados pelo discurso masculino.

Evidentemente, a ideologia está, seja de forma direta ou indireta, ligada aos discursos produzidos e seus efeitos na sociedade. De acordo com Voese (2004), a proposta da Análise de Discurso para com o ensino de Língua Portuguesa é de abarcar esse movimento discursivo pensando a “descrição do dito e dos silenciamentos, e das escolhas do modo de dizer, ou seja, ela busca observar que: (a) diz-se isso e se silencia aquilo; (b) diz-se assim e não de outro modo”. (VOESE, 2004, p. 114). E tomar posturas discursivas para o norte de trabalhos em sala de aula, é, afirma-se, transformadora para a prática de ensino.

Considerações finais

Tendo em vista as análises levantadas acerca das discursivizações presentes no *corpus* e os apontamentos feitos sobre a imbricação entre discurso e leitura é possível assumir um indício de conclusão. Esta vai ao encontro de alguns princípios que norteiam o estudo da AD: tanto os sujeitos quanto os sentidos são históricos. A inferência de sentido em um discurso não cabe ao autor e muito menos ao leitor do texto. Os efeitos de sentido gerados nas discursivizações são decorrentes de uma série de fatores que exercem influência na maneira como “eu” interpreto e na maneira como o autor escreve o texto. Ou seja, somos sujeitos em um determinado lugar no tempo e

espaço que somente significa por ser social e historicamente construído. Portanto, o papel do professor de Língua Portuguesa, no que tange ao ensino de leitura e interpretação textual, deve pautar-se nas diversas maneiras como significamos, no funcionamento e movimento que esses sentidos exercem a fim de manifestar-se em efeitos diversos e distintos entre si.

Todo texto é instituído e deve ser interpretado a partir de sua materialidade discursiva. É somente esse trabalho com o discurso que permite ao aluno participar do jogo que o texto estabelece com o *dito* e *não-dito*, ora explicitando ora mascarando a ideologia. Encarar uma Teoria do Discurso como proposta para o ensino de Língua Portuguesa é lançar mão de um trabalho envolvendo toda uma situação que facilite a percepção do aluno como sujeito constituinte da história e do processo de significação, de maneira que perceba as diversas formas de influência social e ideológica.

Referências

MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

POSSENTI, Sírio. Apresentação da análise do discurso. In: **Glotta**, 12. S. José do Rio Preto: Unesp, 1990. p. 45-59. (versão parcialmente reformulada)

RIOLFI, Claudia et. al. **Ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Thompson Learning, 2008.

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.

Provas de amor / O casamento nos dias atuais. Disponível em: <http://maubril.blogspot.com/2011/01/relationship-2.html>. Acesso em novembro de 2014.